Capítulo IV

Nas cafuas da Tabatinga, uma língua africana

Sônia Queiroz

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

QUEIROZ, S. Nas cafuas da Tabatinga, uma língua africana. In: *Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga* [online]. 2nd ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018, pp. 51-73. ISBN: 978-85-423-0305-6. <https://doi.org/10.7476/9788542303056.0007>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

NAS CAFUAS DA TABATINGA,
UMA LÍNGUA AFRICANA

Lembro muito, lembro da Tabatinga no tempo que não tinha casa. Tinha lá um...
umas cafua, umas coisa assim. E a gente ia lá buscar, buscar tabatinga.
A tabatinga servia no lugar de cal, pra caiar casa, né? Essas casas pobres. A gente
buscava lá. (...) Daí o nome de Tabatinga.

Nicolau Leite¹

Quem chegava a Bom Despacho vindo de Pitangui pelo antigo caminho de terra encontrava à entrada da cidade, até meados deste século, um grupo de casinhas de capim espalhadas pelo morro de argila branca que veio a dar nome ao lugar. A Tabatinga era então um pequeno aglomerado de cafuas, habitadas predominantemente por negros e alguns poucos brancos. No alto do morro havia uma capela barroca e um cruzeiro. O caminho que se abriu da Tabatinga até ele recebeu o nome de Cruz do Monte (Figuras 10 e 11). Tabatinga e Cruz do Monte são hoje duas ruas da periferia de Bom Despacho (Figuras 12 e 13), compondo uma só realidade sócio-cultural, a contrastar com o resto da cidade. Os falantes da Língua do Negro da Costa concentram-se nessa região, onde realizamos toda a pesquisa de campo, à exceção de algumas gravações de material lingüístico feitas em bares do centro. O inquérito sócio-econômico, que teve como objetivo traçar o perfil dos falantes da Língua do Negro da Costa, foi realizado em 1981 e apontou, em 234 casas visitadas, um total de 932 habitantes, dos quais 207 utilizam ou, pelo menos, compreendem a Língua do Negro da Costa.² Os dados relativos à cor

¹ Nicolau Leite era um dos maiores possuidores de informações históricas sobre Bom Despacho, conforme já foi dito no capítulo anterior.

² O conceito de falante aqui adotado inclui, portanto, aquele que possui apenas o conhecimento passivo da língua.

e ao sexo indicaram um predomínio absoluto de falantes de cor — 117 pretos e 54 mulatos para 36 brancos (cf. Tabela 2) — e, em menor escala, do sexo masculino sobre o feminino — 123 homens e 84 mulheres (cf. Tabela 3). Anotou-se também o domicílio dos usuários da Língua do Negro da Costa, tendo-se verificado predominância da Tabatinga sobre a Cruz do Monte — onde residem 164 e 43 falantes, respectivamente (cf. Tabela 4).

O falante típico da Língua do Negro da Costa nasceu em Bom Despacho, na Tabatinga ou na Cruz do Monte; é católico, solteiro, e tem entre 11 e 30 anos de idade; possuindo o curso primário completo,³ sabe ler e escrever (cf. Tabela 5 a 9).

FIGURA 10 - A Rua Tabatinga (à direita) vista do cruzamento com a Cruz do Monte.

FOTO: Fernando Cabral

³ A estrutura de ensino atualmente em vigor no Brasil reúne o primário e o ginásio sob a mesma denominação de ensino fundamental. Optou-se, no entanto, pela terminologia, já superada, que isola as duas fases, por refletir melhor a realidade dos informantes, que, na maioria, cursaram apenas as primeiras quatro séries do ensino fundamental, correspondentes ao antigo curso primário.

FIGURA 11 - A Rua Cruz do Monte (à esquerda) vista do cruzamento com a Tabatinga.

FOTO: Fernando Cabral

FIGURA 12 - Alto da Rua Cruz do Monte, antigo caminho para o cruzeiro.
FOTO: Fernando Cabral

FIGURA 13 - Trecho da Rua Tabatinga: a eletricidade chegou, o esgoto não.
FOTO: Fernando Cabral

TABELA 2
Distribuição dos falantes da LNC segundo a cor

<div>COR \ FALANTES</div>	Números absolutos	%
Pretos	117	56,5
Mulatos	54	26,1
Branços	36	17,4
<i>Total</i>	207	100,0

FONTE: Pesquisa de campo - maio de 1981.

TABELA 3
Distribuição dos falantes da LNC segundo o sexo

<div>SEXO \ FALANTES</div>	Números absolutos	%
Masculino	123	59,4
Feminino	84	40,6
<i>Total</i>	207	100,0

FONTE: Pesquisa de campo - maio de 1981.

TABELA 4
Distribuição dos falantes da LNC segundo o domicílio

<div>DOMICÍLIO \ FALANTES</div>	Números absolutos	%
Tabatinga	164	79,2
Cruz do Monte	43	20,8
<i>Total</i>	207	100,0

FONTE: Pesquisa de campo - maio de 1981.

TABELA 5
Distribuição dos falantes da LNC segundo o local de nascimento

LOCAL DE NASCIMENTO \ FALANTES	Números absolutos	%
Bom Despacho - Tab./Cruz do Monte	45	39,5
Bom Despacho - outros bairros	44	38,6
<i>Bom Despacho - Total</i>	89	78,1
Outros Municípios	23	20,2
Não informado	02	1,7
<i>Total</i>	114	100,0

FONTE: Pesquisa de campo - julho de 1981.

TABELA 6
Distribuição dos falantes da LNC segundo a religião

RELIGIÃO \ FALANTES	Números absolutos	%
Católica	112	98,2
Outras	-	-
Nenhuma	02	1,8
<i>Total</i>	114	100,0

FONTE: Pesquisa de campo - julho de 1981.

TABELA 7
Distribuição dos falantes da LNC segundo o estado civil

ESTADO CIVIL \ FALANTES	Números absolutos	%
Solteiros	67	58,8
Casados	31	27,2
Amasiados	04	3,5
Desquitados/divorciados	01	0,9
Separados	04	3,5
Viúvos	07	6,1
<i>Total</i>	114	100,0

FONTE: Pesquisa de campo - julho de 1981.

TABELA 8
Distribuição dos falantes da LNC segundo a idade

IDADE \ FALANTES	Números absolutos	%
0 - 10	01	0,9
11 - 20	36	31,6
21 - 30	36	31,6
31 - 40	17	14,9
41 - 50	11	9,6
+ de 50	11	9,6
Não informada	02	1,8
<i>Total</i>	114	100,0

FONTE: Pesquisa de campo - julho de 1981.

TABELA 9
Distribuição dos falantes da LNC segundo a escolaridade

ESCOLARIDADE \ FALANTES	Números absolutos	%
Nenhuma (analfabeto)	14	12,3
MOBRAL	-	-
Primário incompleto	25	21,9
Prim. compl. ou gin. incompleto	63	55,3
Gin. completo ou 2º grau incompleto	07	6,1
2º grau completo	04	3,5
Não informada	01	0,9
<i>Total</i>	114	100,0

FONTE: Pesquisa de campo - julho de 1981.

Tradicionalmente se associa o nome da Tabatinga ao crime e à malandragem, o que vem a constituir o primeiro traço a distingui-la de sua vizinha-irmã Cruz do Monte. Esse traço se evidenciou durante as entrevistas, quando se pôde observar em alguns dos habitantes da Tabatinga uma grande preocupação com a imagem que deles faz o resto da cidade. Alegando que ali se trabalha como em qualquer outro lugar, consideram totalmente injusta a fama de antro de malandragem que acompanha a história da rua. O Sr. Antônio Paiva, dono de bar, falando detidamente sobre a necessidade de se recuperar a imagem negativa da Tabatinga, relatou histórias de assassinatos ocorridos ali, no passado, que, segundo ele, são os responsáveis pela má fama do lugar.

Desde os nossos primeiros contatos com a população, o problema do estigma da marginalidade veio à tona. Encontramos, inicialmente, uma certa resistência por parte dos habitantes quanto a fornecer informações sobre a Língua do Negro da Costa. Muitos deles, embora

apontados por outros como falantes, declaravam desconhecer a língua, o que, evidentemente, dificultava o trabalho de pesquisa. Entretanto, à medida que se intensificou nosso contato com a população, o relacionamento entre pesquisador e informante foi se tornando mais tranquilo, relaxado, e a explicação para a resistência inicial surgiu da boca dos próprios entrevistados: temia-se que a estranha interessada em identificar falantes da Língua do Negro da Costa fosse representante da repressão policial, ocupada em fazer ali uma devassa, com o objetivo de prender marginais. “Ainda mais agora que tem polícia feminina”, alegou D. Maria das Dores Silva, justificando seu temor. Mais de uma vez ouvimos referência a boatos sobre a prisão dos falantes da língua, que — também chamada de “gíria” ou “gíria da Tabatinga” — seria considerada pela repressão como privativa de malandros e criminosos.

Entretanto, de acordo com os resultados da pesquisa de campo, o falante típico da Língua do Negro da Costa trabalha como lavrador ou pedreiro, se é homem, e como dona-de-casa, lavadeira ou empregada doméstica, se mulher; recebendo menos de dois salários mínimos, mora em casa própria, de alvenaria, com serviços de água e energia elétrica, mas sem rede de esgoto (cf. Tabela 10 a 14).

Assim, sumariamente descritas, as condições de moradia parecem não corresponder exatamente ao que se observa *in loco*. Por isso, torna-se necessário acrescentar à descrição de base quantitativa alguns detalhes de ordem qualitativa, como, por exemplo, o fato de que grande parte das construções da região tem o piso de terra ou cimento e não possui reboco nem mesmo na face externa das paredes (cf. Figuras 14 e 15). Observa-se, também, que, embora as ruas sejam servidas de rede de água, dificilmente se encontra uma casa com instalações hidráulicas: o que se tem, em geral, é um tanque do lado de fora, de onde se retira com balde a água necessária para as mais diversas atividades — como a preparação de alimentos, a higiene corporal ou a limpeza da casa. É também no quintal que se localizam os banheiros, ou melhor, as privadas, quando existem (cf. Figura 16).

Neste ponto é interessante ressaltar o fato de ser a Língua do Negro da Costa até hoje uma língua de negros: embora alguns dos falantes desconheçam sua origem, chegando a afirmar que foi inventada ali mesmo pelo povo da rua, numa clara manifestação de inconsciência de sua africanidade, eles ainda são predominantemente — 82,61% — homens de cor (cf. Tabela 2). Portanto, apesar do processo de urbanização, que substituiu as cafuas africanas por habitações de alvenaria idênticas às dos brancos, com os quais os negros convivem

lado a lado, a Tabatinga continua se configurando como uma comunidade negra. A mistura que ali se verifica não reflete, de modo algum, um “embranquecimento” da população. Não houve ascensão social do negro, a quem a “casa-grande” permanece inacessível, no centro da cidade. A “senzala” é que se abriu aos brancos, promovendo, na Tabatinga como nos milhares de favelas dos grandes centros urbanos, a igualdade na pobreza. Conseqüentemente, passam a recair sobre todo o grupo os preconceitos seculares que associam o preto à baixa-za, à vadiagem e ao crime.

Por isso, a ameaça constante da repressão policial que paira sobre a vida dos moradores da Tabatinga — seja em sua própria fantasia, seja, de forma muito mais concreta, através da ronda infalível que ali faz todas as noites um camburão da Polícia — nada mais é, de acordo com nosso ponto de vista, do que um reflexo do preconceito racial tão bem expresso no dito popular: “Preto parado é suspeito, correndo é ladrão.”

TABELA 10
Distribuição dos falantes da LNC segundo a profissão

<div style="text-align: center;"> <div style="display: inline-block; transform: rotate(-45deg); transform-origin: center;">FALANTES</div> <div style="display: inline-block; transform: rotate(45deg); transform-origin: center;">PROFISSÃO</div> </div>	Números absolutos			%		
	H	M	T	H	M	T
Lavrador	11	02	13	9,6	1,8	11,4
Pedreiro	10	-	10	8,8	-	8,8
Dona-de-casa	-	10	10	-	8,8	8,8
Lavadeira	-	05	05	-	4,4	4,4
Doméstica	-	05	05	-	4,4	4,4
Estudante	05	03	08	4,4	2,6	7,0
Outras	44	15	59	38,6	13,2	51,8
Sem profissão	01	03	04	0,9	2,6	3,5
<i>Total</i>	71	43	114	62,3	37,7	100,1

FONTE: Pesquisa de campo - julho de 1981.

TABELA 11
Distribuição dos falantes da LNC segundo a renda

RENDA \ FALANTES	Números absolutos	%
Abaixo do salário mínimo	35	30,7
Salário mínimo	09	7,9
Acima do salário mínimo*	41	36,8
Sem rendimentos	27	23,7
Não informada	02	1,8
<i>Total</i>	114	100,0

FONTE: Pesquisa de campo - julho de 1981.

*Entre R\$ 239,18 e R\$ 697,61 — média de R\$ 407,39 — o que representa menos de dois salários mínimos (o salário mínimo na época correspondia a R\$ 209,28).

TABELA 12
Distribuição dos falantes da LNC segundo a condição de ocupação do domicílio

COND. DE OCUP. DO DOMICÍLIO \ FALANTES	Números absolutos	%
Casa própria	85	74,6
Casa alugada	22	19,3
Casa cedida	07	6,1
<i>Total</i>	114	100,0

FONTE: Pesquisa de campo - julho de 1981.

TABELA 13
Distribuição dos falantes da LNC segundo o tipo de
construção do domicílio

CONSTR. DO DOMICÍLIO \ FALANTES	Números absolutos	%
Alvenaria	110	96,5
Pau a pique	04	3,5
<i>Total</i>	114	100,0

FONTE: Pesquisa de campo - julho de 1981.

TABELA 14
Distribuição dos falantes da LNC segundo a
infra-estrutura básica do domicílio

INFRA- ESTRUT. BÁSICA \ FALANTES	Números absolutos*	%
Água	103	90,4
Energia Elétrica	88	77,2
Esgoto	06	5,3

FONTE: Pesquisa de campo - julho de 1981.

*O total de informantes aqui é 114. Esse número não coincide com a soma da primeira coluna da tabela pelo fato de um mesmo falante poder ter sido computado até três vezes, na medida em que seu domicílio fosse servido de água, esgoto e energia elétrica.

FIGURA 14 - Vista externa de habitações da Tabatinga, em que se percebe a ausência de reboco nas paredes.
FOTO: Fernando Cabral

FIGURA 15 - Vista externa de habitação da Tabatinga, como as da Figura 14, sem reboco nas paredes.
FOTO: Fernando Cabral

FIGURA 16 - Habitação típica da Tabatinga, com privada na parte externa.
FOTO: Fernando Cabral

Mas quem são, afinal, os negros que trouxeram à Tabatinga esse ambíguo legado de uma “língua africana” marcada pelo estigma da marginalidade? Não é fácil chegar às origens da população da Tabatinga, já que, ali, o culto à genealogia tem um lugar de pouca ou nenhuma importância na vida das pessoas. Assim, interpelados sobre seus ascendentes, os entrevistados se mostraram, na grande maioria das vezes, lacônicos, fornecendo informações incompletas e imprecisas. Juntando, porém, dados colhidos em depoimentos diversos, foi possível identificar duas famílias ligadas à introdução da Língua do Negro da Costa, bem como reconstituir suas árvores genealógicas até a quarta geração, embora com uma certa oscilação nos nomes, inevitável diante da ausência de documentação pessoal que caracteriza a comunidade.

A primeira figura que aparece nas entrevistas como um dos introdutores da Língua do Negro da Costa em Bom Despacho é o negro Dicoberto — Dagoberto Tomás Pinto da Fonseca (ou simplesmente Dagoberto Tomás Pinto) —, apontado como ex-escravo e famoso pelo hábito de andar montado em uma mula preta, vestindo sempre uma capa também preta. Filho de Tomás Pinto da Fonseca (ou Dagoberto Tomás Pinto) e Luíza Vieira, escravos que viveram em Santo Antônio das Pedras,⁴ e tendo como irmãs Afonsina, Corina, Castorina, Bárbara e Maria Tomás, Dicoberto casou-se com Ana Antônia de Jesus (ou Ana Feliciano da Costa), com quem teve oito filhos. Por ocasião da pesquisa de campo dois deles, Angélica e Jesus Pinto da Fonseca (cf. Figura 17), ainda estavam vivos e preservavam o conhecimento da Língua do Negro da Costa, aprendida com o pai. Ambos sem filhos, já com aproximadamente 50 ou 60 anos, Angélica e Jesus eram, pois, os últimos representantes da família de Dicoberto, fadada a desaparecer dentro de, no máximo, algumas décadas.

A mulher de Dicoberto, Ana Antônia de Jesus, criada na Fazenda do Sapé, um dos núcleos de escravos em Bom Despacho⁵, era filha de José Feliciano da Costa (ou João Feliciano) e Maria Angélica de Jesus. Ana teve como irmãos Antônio Feliciano e José Feliciano da Costa, que se casou com Maria Tomás, irmã de Dicoberto. Do casamento de José Feliciano e Maria Tomás nasceram Maria Feliciano, Maria Tomás e Nair Feliciano, ainda vivas. As irmãs Feliciano, ou Friciano, como são conhecidas na Tabatinga, lembram-se de ouvir o pai falando a Língua do Negro da Costa, mas não chegaram a aprendê-la, certamente

⁴ Donde ser denominada pelo neto Luíza Vieira das Pedras.

⁵ Cf. Cap. III, p.39.

por serem mulheres, segundo explicação fornecida por uma delas, Maria Feliciano. A elas, que, também sem filhos, vêm a ser, como os primos Jesus e Angélica, os últimos frutos da família, coube preservar outras tradições: o congado e a cestaria.

Todos os anos, durante as festas de N. Sra. do Rosário, as três irmãs saem às ruas no terno de Moçambique (ou dos Moçambiqueiros), costume no qual são acompanhadas pelos descendentes de Dicoberto. Essa ligação com os moçambiqueiros permite esboçar a hipótese de uma origem banto para a família Dicoberto/Feliciano, na medida em que consideramos os moçambiqueiros como ligados, nas origens, aos negros vindos de Moçambique, território do domínio banto.

Nas horas que sobram do trabalho de lavadeiras ou domésticas, as irmãs Feliciano se dedicam a fazer peneiras de fibra de cambaúba (Figura 18), conservando um costume desenvolvido desde a infância e que no passado, quando havia maior disponibilidade de matéria-prima, incluía também samburás feitos de palha de milho. A cestaria é apontada por africanistas como costume típico dos povos bantos,⁶ o que vem reforçar a hipótese acima sugerida para a origem do grupo.

A segunda figura de destaque entre os falantes mais antigos da Língua do Negro da Costa é o preto Zé Cária (ou Zacaria), já mencionado no Capítulo III deste trabalho,⁷ que se casou com Joaquina Cária. Desse casamento nasceu Maria Joaquina da Silva, que, tendo-se casado com o baiano João Antônio dos Santos, teve os filhos Maria Joaquina da Silva e José Antônio dos Santos — ainda vivos, conhecidos na Tabatinga como Fiotinha e Zé Baiano. Fiotinha e Zé Baiano não repetem o exemplo anterior, mas, ao contrário, garantem continuidade à família, ela com seis filhos e seis netos, ele com dois filhos e seis netos (Figuras 19 e 20).

Sobre os costumes dos Cária, sabemos que se ligam à tecelagem, e quanto às suas origens a referência é a Bahia, que nos remete já aos sudaneses, embora sem fechar a possibilidade de uma origem também banto, como a da outra família aqui estudada. Os descendentes vivos do preto Zé Cária preservam todos o conhecimento da Língua do Negro da Costa, mas não identificamos nenhum outro traço que pudesse relacioná-los a um grupo cultural africano determinado.

⁶ Cf., por exemplo: RAMOS. *As culturas negras no novo mundo*, p.234.

⁷ Cf. p.40.

Além dessas duas famílias, associam-se à introdução da Língua do Negro da Costa em Bom Despacho os nomes de Camargo, Miguel Pontes e Amadeu Pontes, os dois últimos pai e avô de Dunga, conga-deiro já mencionado no Capítulo III deste trabalho.⁸ Quanto a Camargo, é referido como dono de um bar onde, na Tabatinga, se reuniam os primeiros falantes, entre os quais o já citado Dicoberto, Miguel e Gustavo, a respeito de quem não há outras referências.

Ainda com relação à origem dos negros da Tabatinga, temos a favor da hipótese banto o depoimento do falante Bacará — branco dos mais respeitados como grande conhecedor da língua e um dos poucos a fazer referência à África como pátria da Língua do Negro da Costa. Segundo ele, a língua teria vindo de Angola. Também de Angola certamente vieram, a julgar pelos nomes, os pretos Rosa Angolla, escrava do cap. Francisco de Araújo, e Luiz Angolla, escravo de Domingos Luiz de Oliveira, sepultados no adro da então capela de Bom Despacho, a primeira em 20/08/1777 e o segundo em 26/07/1778, de acordo com o que está na *História de Bom Despacho*, de Laércio Rodrigues.⁹ Mas a história do negro em Bom Despacho ainda está por ser escrita.

⁸ Cf. p.48.

⁹ Cf. RODRIGUES. *História de Bom Despacho*, p.53-54.

FIGURA 17 - Jesus e Angélica, os últimos descendentes de Dagoberto Tomás Pinto — o Dicoberto.

FOTO: Élide Queiroz de Araújo

FIGURA 18 - Maria Feliciano — mantendo a tradição da cestaria, artesanato banto.
FOTO: Élide Queiroz de Araújo

FIGURA 19 - Os descendentes de Zé Cária (ou Zacaria) — Maria Joaquina da Silva, a Fiotinha (no alto, à esquerda), com uma filha e netos.
FOTO: Élide Queiroz de Araújo

FIGURA 20 - Os descendentes de Zé Caria (ou Zacaria) — José Antônio da Silva, filho da Fiotinha, e filhos.
FOTO: Élide Queiroz de Araújo